

HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

Luiz Eduardo Paulino da Silva¹; Luziel Augusto da Silva;
Wellington Pereira da Silva³; Jorge Luiz da Cunha⁴

¹Universidade Estadual da Paraíba, eduardops25@hotmail.com

²Universidade Federal da Paraíba, luziel.augusto@hotmail.com

³Universidade Estadual da Paraíba, wellington.2014@live.com

⁴Universidade Federal de Santa Maria, jl Cunha11@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho discorre sobre as histórias da educação especial, e de maneira específica narra as trajetórias de quatro estudantes com deficiência da Escola Municipal de Ensino Fundamental Anita de Melo Barbosa Lima, Belém-PB. O percurso desses alunos com deficiência na instituição educacional revelam questões pertinentes à temática da Educação Especial. Para esse estudo, algumas questões foram norteadoras: Como se deu o processo de adaptação desses alunos com suas deficiências no ambiente escolar? Quais as dificuldades estes alunos encontram na referida instituição durante o percurso escolar? Uma vez, que estes alunos trazem consigo reminiscência de sua vida estudantil, pessoal e social. As memórias destes alunos trazem atona momentos que ajudam a construir suas histórias de vida e as histórias da educação especial. Nessa perspectiva, este tem por finalidade, Compreender a trajetória escolar dos alunos com deficiência da Escola supracitada, além de descrever as trajetórias percorrida por estes na unidade escolar e entender o processo de adaptação destes estudantes. Nesse entendimento, o trabalho se pauta na pesquisa exploratória, adotando a abordagem qualitativa, utilizando os procedimentos da pesquisa bibliográfica e de campo, buscando dialogar com autores como: Carvalho (2004), Pollak (1992); Severino (2016) e Viola (2010) que abordam questionamentos referentes a temática.

Palavras-chave: Estudante, deficiência, trajetória de vida, memórias.

Introdução

Decorrente a falta de oportunidade e a desigualdade entre as classes sociais, ocorre a fragilização no atendimento as necessidades básicas da população brasileira, pois seria ingênuos em afirmarmos que a inclusão já é uma realidade consolidado no contexto atual. Sendo assim, compreendemos que os processos de exclusão e inclusão apareçam concomitantemente na história e trajetórias dos povos de diferentes civilizações, culturas e costumes. Dessa maneira, as diferenças antropológicas vêm moldando os conflitos vivenciados por grupos das minorias em determinados contextos sóciohistóricos. Assim, durante muito tempo as pessoas com deficiência lutaram e continuam lutando insistentemente pela consolidação da inclusão social. Este grupo busca através da educação as ferramentas necessárias para

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

um futuro com igualdade em direitos. Vencendo os processos de exclusão, segregação e negação, pois Viola (2010, p. 22) aponta que a educação [...] fortalece os direitos fundamentais, transformando “a cultura do esquecimento e do privilégio em uma cultura feita de memória”, desarmando a barbárie, para que assim, “nossas crianças, nossos jovens, nossos educandos” e educadores possam apropriar-se “do seu passado e de presente”.

Nesse sentido, o presente estudo teve a preocupação de não deixar cair no esquecimento à trajetória de estudantes com deficiência de uma escola pública da cidade de Belém, no Estado da Paraíba. Durante a realização de tal estudo, refletimos acerca desta temática e sua contribuição na nossa formação docente enquanto professores, pesquisadores e acadêmicos. Visto que vivenciamos constantemente no “chão de sala de aula”, ou seja, na realidade educacional em que estamos inseridos cotidianamente situações e práticas de exclusão incluyente e inclusão excludente. Dessa forma, traçamos a trajetória de estudantes com deficiência que lutaram e lutam para a afirmação do seu direito de igualdade. Este estudo aponta para buscar através das características dos alunos com deficiência: física, intelectual e visual, que adentram a escola diariamente, enfrentando seus dilemas e percepções da escola que em sua função social é garantir a democratização do ensino, ou seja, possibilitar sonhos e aspirações dos alunos e delinear caminhos que leve ao acesso, permanência e terminalidade do processo de escolarização, assim o direito a educação dar acesso e permiti os sujeitos a buscarem a efetivação de seus direitos sociais, alcançando seus objetivos os quais almejam.

Os alunos aqui pesquisados são oriundos da Escola Pública da rede Municipal da cidade de Belém-PB, os quais possuem as deficiências e limitações em seu desenvolvimento. Tais estudantes foram selecionados para esse estudo devido suas trajetórias enquanto pessoas com deficiência e que sofrem e sofreram com o preconceito das pessoas tidas como “normais”, pois como afirma Pollak (1992), é necessário desvendar as memórias enterradas.

Compreendemos que a educação inclusiva tenha nos espaços educacionais a função de propiciar mudanças e rupturas de paradigmas preestabelecidos pela sociedade, assim, preparando os sujeitos aprendentes para lidar com a diversidade incluindo os alunos com deficiência. Com tal preocupação sobre a não inclusão dos alunos com limitações, aponta Freire (1981) que esse ato de exclusão é negar o direito as pessoas com deficiência, desse jeito, é submetê-las a um estacionamento social, econômico, cultural. Podemos compreender que a escola teve ter por função social criar condições e oportunidades para superar a desigualdade. De modo igual, os alunos com

deficiência já trazem para a escola seus anseios e dilemas que se expressão na sua trajetória educacional, pois é necessário que eles se sintam acolhidos e encorajados para dar continuidade à vida estudantil e nos espaços diversos da sua vida social e política.

Nesse entendimento, este trabalho tem como objetivo compreender a trajetória escolar dos alunos com deficiência da Escola Municipal de Ensino Fundamental Anita de Melo Barbosa de Lima, além de identificar os processos de exclusão que os mesmos passaram. Para isso, será necessário entender o processo de adaptação dos estudantes dentro da unidade escolar e revelar as práticas de educação especial desenvolvidas nessa escola para a conquista da educação inclusiva. Vale ressaltar que a educação especial é uma modalidade de ensino respaldada nas leis de educação e constitui um campo de conhecimento epistemológico, que desenvolve práxis, por isso, que a prática do professor em contexto de inclusão se faz necessário integrar a unidade teoria-prática.

Caminhos de descobertas: entre o conhecido e o desconhecido

Para compreendermos o fenômeno da exclusão e inclusão, recorreremos aos documentos legais que apontam para a garantia dos direitos das pessoas com deficiência, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN), Política de Inclusão da Pessoa com deficiência e as Diretrizes Curriculares Nacionais para educação especial (DCNEE). Assim, tal estudo está pautado na pesquisa de caráter exploratório, utilizando a abordagem qualitativa, buscando saber o porquê das coisas, assim, a discussão aqui apresentada está base, que segundo Severino (2016) esse tipo de pesquisa “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto” (p. 132), dessa maneira, delimitamos um campo de trabalho que é a inclusão social, fazendo uma interface com a história e a educação especial. Para isso utilizamos os procedimentos da pesquisa bibliográfica que segundo Severino (2016) se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, fazendo uma seleção das fontes secundárias, no caso, são os textos encontrados em sites online e disponíveis em plataformas digitais, como a CAPES, REVISTAS CIENTÍFICAS e bibliotecas online. Após a seleção é feita uma leitura global, leitura seletiva, utilizando como recurso o fichamento de texto, assim, construímos o quadro teórico desse estudo. Para a complementação de informações sobre o determinado fenômeno utilizamos também a pesquisa de campo que permite que o objeto seja abordado em seu meio ambiente próprio, esse tipo de pesquisa possibilita a coleta dos dados em condições naturais

em que os fenômenos ocorrem. Assim, neste estudo optamos pelo questionário a ser aplicado com alunos com deficiência na Escola Municipal de Ensino Fundamental Anita de Melo Barbosa de Lima.

Resultados e Discussão

Foram entrevistados quatro alunos com deficiência na Escola Municipal de Ensino Fundamental Anita de Melo Barbosa de Lima situada no município de Belém-PB. A instituição neste ano vigente possui cerca de 400 alunos na modalidade regular, destes alunos, a mesma possui 20 educandos com atestados por algum tipo de deficiência, sejam elas: física, mental, intelectual, sensorial e outras, de acordo com estes dados foram entrevistados um percentual de 20% dos alunos portadores de alguma deficiência.

Ao longo da história humana tivemos casos que hoje vemos como terríveis em relação às pessoas que nasciam com alguma deficiência, ou até mesmo sem, porém fora do padrão daquela determinada sociedade, uma das formas de exclusão por ser considerada uma anormalidade era o nascimento de gêmeos. Chimamanda nos mostra um exemplo em seu livro, *Sejam todos feminista* (2012):

Mas a cultura está sempre em transformação. Tenho duas sobrinhas gêmeas e lindas de quinze anos. Se tivessem nascido há cem anos, teriam sido assassinadas: há cem anos, a cultura Igbo considerava o nascimento de gêmeos como um mau presságio. Hoje essa prática é impensável para nós (ADICHIE, p.64)

Observamos que são práticas culturais e que a erudita está sempre em construção, sendo aqui um caso para mostrar uma forma de inclusão inimaginável nos dias atuais, porém acontece a exclusão com outros grupos presentes nas diversas sociedades.

São raros os casos de tentativa de inclusão da idade antiga até a idade moderna, após o massacre da segunda guerra mundial com a criação da ONU (Organização das Nações Unidas) começa uma nova mentalidade de aceitação das diferenças e com isto são criadas políticas públicas em vários lugares do mundo para inclusão e vários congressos para serem debatidas a inclusão. Uns dos lugares que ocorrem mais exclusão são nas escolas, seja por parte dos professores, alunos e sistemas educacionais, e este artigo busca compreender e analisar estes quatro alunos que possuem uma deficiência e que algum momento sofreu

exclusão e de qual forma eles se sentiriam incluído, fazendo parte realmente daquele cotidiano.

Foram entrevistados quatro alunos, que serão identificados como A1, A2, A3 e A4, preservando assim a identificação dos mesmos, foram feitas nove questões para cada entre elas de identificação e pessoais, com o intuito de conhecer o aluno, saber a história dele e a sua visão sobre a escola.

As quatro primeiras questões foram de identificação, para distinguir melhor nossos entrevistados, no entanto quando perguntamos: qual ano estuda? Apenas um dos entrevistados respondeu que é o 6º ano, enquanto os outros três, afirmaram estudarem o 7º ano do Ensino Fundamental.

Quando perguntamos qual ano entram na escola Municipal de Ensino Fundamental Anita de Melo Barbosa de Lima? Dois alunos afirmaram entrarem em 2017, enquanto que dois deles afirmaram entrar em 2018, logo se percebe que um dos alunos no ano anterior não fez o 6º ano na instituição, ou seja, é oriundo de outra escola, vindo fazer parte do ensino fundamental apenas este ano.

Quando perguntamos qual o nome da sua deficiência os alunos responderam respectivamente:

- A1: deficiência física, miopatia dos membros.
- A2: deficiência rara: Síndromes de TRAPS
- A3: deficiência visual
- A4: deficiência intelectual

Sobre a idade dos nossos entrevistados, podemos dizer que dois alunos possuem 12 anos completo, um aluno possui 15 anos completo e um aluno possui 19 anos completo. Após identificação, observamos as posições dos alunos sobre a escola Anita, sendo perguntado para os alunos “como foi a receptividade à entrada na Escola Municipal Anita de Melo Barbosa de Lima?” e tivemos as seguintes respostas:

A1: Foi boa, quando eu cheguei estava com medo, de não me adaptar. Quando olhei para os colegas e professores me deu uma tremedeira nas pernas, depois fui me acostumando, principalmente quando os colegas, gestores e professores começaram a falar comigo.

A2: Fui recebido como fosse recomeçar uma nova história, sempre me tratando como uma pessoa normal. A escola foi ótima, a escola por ser maior que a do fundamental II, sempre foi calma em relação a mim.

A3: Foram normais os primeiros dias, não senti muita dificuldade na visão o ano passado, depois de ter voltado para escola, devido a problemas na coluna.

A4: Não queria estudar aqui porque tinha medo de ser chamada de doida

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

por alguns alunos. Tomo remédio controlado e tenho medo que eles saibam.

A adaptação do aluno quando chega a qualquer escola é complicado, porém os alunos que se acham diferentes dos demais ainda tem certo receio de como vai ser esta acomodação, muito por causa do preconceito sofrido. Concordando com o ministério da educação:

O respeito à diversidade, efetivado no respeito às diferenças, impulsiona ações de cidadania voltadas ao reconhecimento de sujeitos de direitos, simplesmente por serem seres humanos. Suas especificidades não devem ser elemento para a construção de desigualdades, discriminações ou exclusões, mas sim, devem ser norteadoras de políticas afirmativas de respeito à diversidade, voltadas para a construção de contextos sociais inclusivos (BRASIL, 2004, p.7)

Todo ser humano deve ser respeitado de maneira igual e a escola é uma instituição que precisa quebrar estas barreiras de exclusão social, porém a escola é uma das que mais provoca exclusão e preconceitos. Ainda perguntamos aos alunos quais as dificuldades encontradas na escola? Em busca de entender quais problemas a instituição tem para buscar métodos de conseguir incluir estes alunos no ambiente escolar, e tivemos as seguintes respostas:

A1: fazer amizade. Mais aos poucos estou construindo essas amizades, ainda hoje tenho vergonha de falar com a turma, ainda tenho dificuldade de aprender inglês, não consigo entender mesmo a professora ensinando bem.

A2: Quando vou a João Pessoa fazer consulta ou exames, e as pessoas não me entendem acham que falto porque quero. Alguns professores acham que não consigo fazer a prova na sala e me envia para a sala multifuncional, sendo que eu quero fazer prova difícil, e não com mais facilidade. Outra questão é arrumar uma namorada, eu tenho vergonha de ir até a menina, de ela me julgar por minha deficiência.

A3: O barulho dificulta ver o quadro de aula, sofrer preconceito por causa das brincadeiras, como ser chamada de cega.

A4: No primeiro dia de aula, não queria entrar na sala com medo de não ser bem recebida, mas era tudo coisa da minha cabeça.

Vemos várias experiências nas respostas dos alunos, mas percebemos algumas semelhanças como o preconceito, às dificuldades sofridas no cotidiano, observando que o processo de inclusão necessita ser mais trabalhado. Em documento desenvolvido pelo ministério da educação do país, intitulado de “Inclusão e exclusão social” módulo 4, temos o seguinte:

A resistência em mudar o paradigma que sustenta um perfil excludente de educação, em que as “categorizações” das pessoas por suas diferenças sociais, econômicas, psíquicas, físicas, culturais, religiosas, raciais, ideológicas e de gênero reforçam conflitos e violências físicas e

simbólicas, e tornam-se entraves para a constituição da inclusão educacional.
(BRASIL, 2007, p. 6)

As escolas necessitam de novas metodologias para combater a exclusão social para depois conseguir a inclusão que tanto é almejada, precisando de umas reformas mais radicais, sendo até mesmo do sistema educacional, que ele em si é praticante da exclusão educacional, um exemplo é separando os considerados bons e ruins, meninos e meninas são necessárias mudanças em todas as estancias da educação. Concordando com Maria Teresa Eglér Mantoan:

A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa dos seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso, por privações constantes e pela baixa autoestima resultante da exclusão escolar e da social — alunos que são vítimas de seus pais, de seus professores e, sobretudo, das condições de pobreza em que vivem, em todos os seus sentidos. Esses alunos são sobejamente conhecidos das escolas, pois repetem as suas séries várias vezes, são expulsos, evadem e ainda são rotulados como mal nascidos e com hábitos que fogem ao protótipo da educação formal (MANTOAN, 2003)

É notório os problemas que a exclusão social atinge a vida dos alunos, principalmente aqueles que são considerados diferentes, e com estas perguntas realizadas para estes quatro alunos da escola Anita observamos que a exclusão social ainda está presente nas escolas.

Quando perguntamos: quais os desafios superados na escola? Obtivemos as seguintes respostas:

A1: é, assim falar com os professores era muito difícil, tipo fazer alguma perguntar, hoje já melhorei muito, tinha muita vergonha, hoje já conversei com todos eles.

A2: Deus primeiramente, ajuda da minha família e da escola, alguns professores entendem meus problemas, como também a direção da escola.

A3: Retornar as aulas, fiquei indecisa por está fora da idade, medo de sofrer preconceitos por causa da minha visão, e conseguir terminar o ensino médio.

A4: Hoje, me sinto muito bem na escola, sou bem recebida e respeitada. Gosto dos professores e todos que trabalham aqui na escola.

Na fala dos entrevistados, percebe-se que ambos falam sobre a segurança que encontram por parte de alguns docentes, enquanto que os mesmos deixam brecha para refletimos sobre alguns docentes que ainda têm dificuldade em lhe dar com os alunos com alguma deficiência, talvez, por motivos como falta de formação continuada para os professores trabalharem estas deficiências, ou própria formação inicial que deixa a desejar no requisito de componentes curriculares que embarque

as deficiências na concepção dos licenciados, trabalhando apenas temática suscintamente, ou ainda desinteresse do professor em pesquisar e estudar sobre a deficiência dos educandos, e por fim as políticas públicas que deveriam ser alicerçadas na formação docente para fortalecer o professor com os alunos que tem algum tipo de deficiência.

Na fala dos alunos entrevistados, a escola acolhe, a família é fundamental, por outro lado ainda tem o receio, o medo, de sofrer preconceitos por parte dos colegas da sala, e com isso desmotivar o interesse em estudar. É nítido que o papel da escola

Outra questão que fizemos aos alunos com deficiência A escola lhe acolhe, foi inclusiva? Unanimemente disseram que sim, logo percebemos com está afirmação que a escola é acolhedora, e inclui os alunos no meio dos ditos “normais”. Citaremos uma das quatro fases que ocorreram ao longo do desenvolvimento da história da inclusão, citada por Sasaki (2006) que diz que a fase da inclusão: todas as pessoas com necessidades especiais devem ser inseridas em classes comuns, sendo que os ambientes físicos e os procedimentos educativos é que devem ser adaptados aos alunos, conforme suas necessidades e especificidades. Podemos compreender que os alunos se sentem acolhidos no ambiente escolar devido a fatores como acessibilidades, estrutura física, atividades recreativas que a mesma oferece a esses educandos que trazem conseguem uma deficiência e que a escola inclui em seu Projeto Político Pedagógico, envolvendo a integração de todos.

Para conhecer melhor os nossos entrevistados, pedimos que falassem um pouco sobre sua trajetória de vida e para nossa surpresa percebemos extremas histórias de vida destes educandos. A aluna codificada por A1, respondeu:

A1: O médico falou que nasci com a deficiência, quando fui crescendo vai perdendo as forças. Moro com meus pais e uma irmã, minha mãe me ajuda nas coisas difíceis (tomar banho, colocar na cama, e outros), minha irmã me ajuda pegar (remédio, óculos, perfume) e meu pai é ajuda nas atividades que levo pra casa, ele vem me deixar e me buscar na escola e compra o que está faltando. Meu pai estudou até o 3º ano do Fundamental I (mais me ajuda nos trabalhos). Sou uma pessoa feliz, sonho em ser professora, e mais para frente ajeitar meu quarto. O quarto que é dos meus pais tem banheiro, e é esse quarto que irei ajeitar colocar algumas coisas, como impressora, computador, para facilitar pra mim. Gosto de ouvir músicas de Amado Batista, Marília Mendonça e algumas de Ludmila. Gosto de passear, quando mais nova fui para o zoológico em João Pessoa, já fui ao parque, ao sítio. Tenho muita vontade de conhecer a praia, pois, fui muito pequena e não lembro.

Na fala da aluna percebemos que é uma adolescente aguerrida, com vontade de buscar novos horizontes, ainda dependendo dos familiares para diversas atividades a mesma demonstrar ser uma garota autoestima, e sonhadora.

Fala que é uma pessoa feliz, e quando crescer ser professora, podemos perceber nesta estudante o anseio de transmitir conhecimento e ajudar com suas vivencias aqueles alunos que de certa forma, passar por algum tipo de deficiência como a mesma passa.

Já o aluno codificado por A2: traz em seu texto um efeito de tristeza, devido a síndrome ser rara, o mesmo tem lutado com seus tabus para não ficar atrelado a pensamentos negativos. O aluno sonha em fazer o diferente, que os pais se orgulhem deles, diz que não pretende fazer uma coisa apenas, mais sim, várias, demonstrando uma personalidade caracterizada da própria deficiência. Vejamos o que o aluno diz:

A2: Eu tinha dez anos quando descobri está doença. As vezes fico triste, e as vezes alegre, pois coloco coisas na cabeça, que um dia se eu casar, não vou conseguir ter filhos normais, tenho medo que passem pelo mesmo problema que eu. Eu gosto de brincar de policial, capoeira e mexer em celular e andar de bicicleta. Sonho que meus pais tenham orgulho de mim, eu quero fazer diferentes, não só uma coisa e sim várias (como posso fazer uma única coisa, se caso não de certo, passo fome, quero fazer várias coisas, pois se uma de errado, já tem outra), quero trabalhar em algo que renda dinheiro.

Nesta descrição, percebe-se que a escola é fundamental na formação dos alunos com deficiência, uma vez que a mesma deve ter como função de estimular ao educando viver a inclusão justamente com os outros alunos. Sendo assim, o mesmo não se sinta excluído, inferior aos demais.

Já os alunos codificados como A3 e A4, narram suas histórias da seguinte maneira,

A3: Na minha infância tive já algumas dificuldades devido a minha visão. Desde pequena eu sempre colocava o rosto bem perto do caderno, para poder enxergar melhor, mas também foi lá que tive ajuda, uma das minhas professoras junto com a direção conversou com minha mãe e a partir daí começou meu tratamento. Aos cinco anos passei pela primeira cirurgia e aos sete a segunda. Até aqui tenho me esforçado para concluir e assim realizar o sonho da minha mãe.

A4: Moro com minha mãe e meu irmão de 5 anos, não temos muitas condições, minha mãe não tem emprego, algumas vezes quando aparece ela faz faxina. Meu avô paga o aluguel da nossa casa e algumas pessoas nos ajudam com alimentos, roupas e calçados. Faço tratamento na FUNAD todas às sextas-feiras, pela manhã (teatro, aula de informática e artes) e também participo da sala multifuncional do AEE (atendimento educacional especializado) na mesma escola que estudo.

Ambos são alunos com deficiências diferenciadas, um com baixa visão e outro intelectual, mais tem uma historia de superação, por parte da aluna A3, percebemos que pretende concluir o estudo devido ser o sonho da sua mãe, e que a mesma apresenta passar por dificuldades

por causa da deficiência desde cedo, já o aluno A4 fala de suas idas para FUNAD, de suas dificuldades em relação ao fator econômico, e do atendimento educacional proporcionado pela escola, nesta perspectiva podemos entender que a escola como espaço educacional, que abarca crianças, adolescentes, jovens e adultos, deve está atenta as reais situações dos estudantes que vivem a margem da sociedade e que muitas vezes já se sentem excluído por estes fatores e quando junta com a deficiência que trazem em si, a situação piora, e neste entender que a função da escola é muito além de atributos, pedagógicos, burocráticos, ou administrativos, a mesma, deve ter como prioridade a pessoa, o ser humano, como diz, Paulo Freire, a escola é gente, o estudante é gente, e essa gente precisa está lembrada, abraçada, buscando meios para inserir de igual para igual na esfera escolar.

Conclusões

Podemos refletir neste com este trabalho sobre a importância da Educação Especial no campo educacional em diferentes visões, uma vez que os alunos chegam à escola ainda com uma timidez por receio de sofrerem algum tipo de preconceito por parte dos colegas, ou até mesmo pelos professores. Em nossa pesquisa ficou nítido na fala dos nossos entrevistados sobre o comprometimento que a escola vem dando em termos de respaldo, segurança e confiança para com os alunos deficientes.

A educação especial ainda é uma temática recente em nossa sociedade, principalmente no campo da educação, a mesma vem ganhando espaço a partir deste último século, e trazendo para a escola formação continuada e no campo acadêmico disciplinas que norteiam como trabalhar com pessoas com deficiência nos cursos de licenciatura. Mesmo diante de poucos avanços ainda se tem muito para melhorar e evoluir, os professores ainda precisam estar abertos a o aluno com deficiência e para isso é preciso estar em sintonia com aqueles que trabalham diretamente na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

É preciso que o projeto político pedagógico escolar (PPP), esteja em sintonia com as causas da educação especial incluindo aos discentes com deficiência e que precisa estar inserido no âmbito escola de igual para igual com os demais colegas. Há tempos que a elaboração da proposta pedagógica e do PPP da escola não se constitui como uma responsabilidade exclusiva do diretor ou gestor da escola. A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) postula e enfatiza o papel do professor, e neste papel o professor precisa incluir os alunos com deficiência

levando de certa forma uma escola que inclui todos aqueles que precisam se incluída.

Uma escola inclusiva não “prepara” para a vida. Ela é a própria vida que flui devendo possibilitar, do ponto de vista político, ético e estético, o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade crítica e construtiva dos alunos-cidadãos que nela estão, em qualquer das etapas do fluxo escolar ou das modalidades de atendimento educacional oferecidas. (CARVALHO, 2007, p. 34)

Referências

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas** – São Paulo: Schwarcz S.A. 2012.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação inclusiva**: v. 1: a fundamentação filosófica / coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha. – Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2004.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Ético e Cidadania**: construindo valores na escola e na sociedade: inclusão e exclusão social /organização FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP), equipe de elaboração Ulisses F. Araújo... [et al.]. – Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, dez. 1996. Disponível em: <<http://goo.gl/3YQoF>>. Acesso em: 29 mar. 2014.

CARVALHO, R. E. Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”. 5. ed. Editora Mediação: Porto Alegre, 2004.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? — São Paulo: Moderna, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5,n. 10, 1992.

SASSAKI, Romeu K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VIOLA, Solon E. A. Políticas de educação em direitos humanos. In: SILVA, Aída M. M; TAVARES, C. **Políticas e fundamentos da educação em direitos humanos**. São Paulo; Cortez, 2010. P. 15-40.